
O QUE ACONTECEU? RELACIONAMENTO ABUSIVO E ESTEREÓTIPOS NÃO PROBLEMATIZADOS NO DOCUMENTÁRIO SOBRE NINA SIMONE

WHAT HAPPENED? ABUSIVE RELATIONSHIPS AND STEREOTYPES IN THE DOCUMENTARY ABOUT NINA SIMONE

Ana Letícia Guedes Pereira¹

<https://orcid.org/0000-0002-4188-1604>
<http://lattes.cnpq.br/3125975230649925>

Esther Lohany Batista da Silva²

<https://orcid.org/0000-0002-7578-8294>
<http://lattes.cnpq.br/8006136215018889>

RESUMO: O presente artigo foi elaborado a partir do documentário *What Happened Miss Simone?*, baseado na vida da cantora, compositora e pianista Nina Simone. Teve como objetivo geral compreender se o documentário deu voz à história da cantora por ela mesma, e como objetivos específicos compreender (a) como o relacionamento abusivo entre Nina e o ex-marido foi abordado no documentário (b) como estereótipos utilizados para silenciar e desqualificar as mulheres negras foram abordados na obra. Para tanto, esta pesquisa adotou delineamento qualitativo e exploratório. As cenas do documentário selecionado foram analisadas com base em autores de referência e em artigos que versam sobre a temática que foi explorada. Os resultados evidenciaram que o relacionamento abusivo vivenciado por Nina Simone não foi problematizado e que estigmas e estereótipos relacionados à mulher negra foram utilizados para silenciar o sofrimento da artista, além de culpabilizar Nina Simone pelo relacionamento abusivo que ela vivenciou.

Palavras-Chave: Relacionamento abusivo; estereótipos; silenciamento.

ABSTRACT: This article was based on the documentary *What Happened Miss Simone?* based on the life of singer, songwriter and pianist Nina Simone. It had as general objective to understand if the documentary gave voice to the singer's story by herself, and as specific objectives to understand (a) how the abusive relationship between Nina and her ex-husband was addressed in the documentary (b) how stereotypes used to silence and disqualify black women were addressed in this work. For that, this research adopted a qualitative and exploratory design. The selected documentary scenes were analyzed based on references authors and

¹ Mestra em psicologia clínica pela PUC-SP. Professora e Coordenadora do curso de Psicologia da Faculdade dos Carajás. Doutoranda em Psicologia da educação pela PUC-SP. E-mail: annaleticiagp@gmail.com.

² Graduada em psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione. Psicóloga na secretaria de educação de Novo Acordo\TO. E-mail: esthersilva1046@gmail.com.

articles that deal with the explored theme. The results showed that the relationship experienced by Nina was not problematized and stereotypes and stigmas related to black women were used to silence the artist's suffering, in addition to blaming Nina Simone for the abusive relationship she experienced.

Keywords: Abusive relationship; stereotypes; silencing.

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste num estudo de caso, utilizado como ferramenta de pesquisa em diversas áreas, possui natureza investigativa, evidenciando as situações reais, o contexto e as limitações não definidos, com o propósito de preservar o caráter único do objeto e descrever e explicar as variáveis causais envolvidas no fenômeno (GIL, 2002).

A obra escolhida para a produção deste estudo foi o documentário *What Happened Miss Simone?*, elaborado nos EUA e lançado pela plataforma *Netflix* em 2015, o qual apresenta a vida e a história da grande artista Nina Simone. Posto isso, para atingir os objetivos propostos, a obra foi assistida cinco vezes pela autora, que selecionou algumas cenas para compor a análise e refletiu sobre elas com base nos artigos e autores selecionados para compor este trabalho.

Foi adotada a metodologia qualitativa e exploratória, que parte do objetivo geral do aprimoramento de ideias, buscando considerar todos os aspectos oriundos do objeto de estudo, tratando-se do primeiro contato que o pesquisador tem com o tema selecionado para a realização da pesquisa (GIL, 2002).

A história de Nina Simone é contada num documentário lançado em 22 de janeiro de 2015, dirigido e elaborado por Liz Garbus, uma mulher branca, estadunidense e cineasta especialista neste tipo de filme. O documentário foi indicado a doze prêmios, incluindo o Oscar, sendo premiado pelo *Peabody Award* e pelo Prêmio *Emmy* do *Primetime*.

A história é contada a partir de gravações inéditas, diários, cartas e relatos de familiares e amigos da artista. O longa inicia com gravações de Nina tocando para o público e é intermediado pelos relatos de sua filha, Lisa Simone Kelly, que aponta sua mãe como uma das maiores artistas de todos os tempos e uma artista que utilizou a música para dar voz ao seu povo, entretanto, ela lutava contra seus próprios demônios e não sabia viver consigo mesma.

Em um de seus relatos, Nina diz que nunca pensou que ficaria no *show business*, pois estudou para se tornar a primeira pianista clássica negra, revelando seu lugar de origem, Tryon, na Carolina do Norte, e seu nome verdadeiro, Eunice Waymon. Vinda de uma família pobre, sua mãe era empregada doméstica, assim como sua avó. Os destinos das mulheres negras eram

traçados desde cedo, numa época em que a discriminação racial era muito forte. Sua mãe também era pastora e a levava aos cultos na Igreja, onde Nina começou a tocar piano.

Conforme se observa no documentário, duas senhoras brancas a ouviram tocar em uma apresentação na Igreja. Uma delas, a professora de Música, Sra. Mazzanovich, decidiu que daria aulas de piano para Nina. Todos os dias ela cruzava as linhas de trem para chegar até a casa dessa senhora para fazer lições. A professora era rígida e exigia pontualidade e dedicação. Nina percebia as diferenças entre brancos e negros, mas não possuía consciência de raça. Com o passar dos anos, a Sra. Mazzanovich criou um fundo de investimentos para ajudar a continuar seus estudos e, com o dinheiro arrecadado, Nina foi para Julliard, em Nova York, onde estudou por um ano e meio. Depois disso, ela buscou ingressar no Instituto Curtis em Filadélfia, mas foi rejeitada por ser negra. Então, seus fundos acabaram e, como sua família era muito pobre, ela teve que trabalhar, começando a tocar num bar. Descobriu, então, seu talento para o canto.

Visando não constranger sua mãe, mudou seu nome para Nina, pois tinha um namorado que a chamava de “Niña”. “Simone” foi adotado em decorrência de uma atriz francesa chamada Simone Signoret. Por muito tempo, conseguiu esconder de sua mãe seu trabalho como artista. A partir disso, investiu em sua carreira tocando em diversos locais e com variados artistas gravou oito músicas. Durante suas apresentações, conheceu Andrew, que foi seu cônjuge por anos e pai de sua filha. Com ele sofreu violência física, psicológica e patrimonial.

Com o passar do tempo, adquiriu fama e sucesso, conseguidos através de uma exaustiva rotina de trabalho, pela qual teve que abdicar de acompanhar o crescimento e desenvolvimento da filha. Seu marido impunha violentamente que ela precisava trabalhar, e todas as suas ações giravam em torno disso. Nina sofria com a rotina exaustiva de trabalho e com a violência do marido. Ela também se sentia deprimida com os atentados que levaram à morte tantos negros e compôs “Mississippi Goddam” e se aliou à luta pelos Direitos Civis.

Com o ativismo, Nina mudou totalmente o rumo de sua carreira. Ela não se importava com as condições precárias que fosse enfrentar, precisava lutar pelo seu povo e por si mesma. Esse era um sentimento que compreendia bem. Durante toda a vida sentia-se sozinha e triste, vendo sua família e seu povo viver sem direitos e serem mortos por isso. Sua causa a movia, pois, *se um negro se levantar e disser: eu não vou mais fazer isso, ele se levanta para morrer, mas ninguém falava isso*. Ela dizia: *como ser uma artista e não refletir a própria época?*

Dentro do movimento pelos direitos civis da população negra estadunidense, Nina conheceu diversos intelectuais que a ensinaram muito sobre Filosofia, Karl Marx e outros estudiosos. Alguns deles compuseram canções primordiais para os Direitos Civis, às quais ela

deu voz e incentivou muitos negros com sua trajetória artística. Com o passar do tempo, seu ativismo a consome. Ela não consegue parar e se sente exausta da vida na sociedade Americana. Seus amigos percebem sua inquietação e tristeza, e é quando ela recebe o diagnóstico de maníaca depressiva.

Depois de perder tantos amigos mortos pelo ativismo, Nina decide deixar Andrew e sair do país, indo morar na Libéria. Lisa relata ter sido esse período muito difícil, segundo a mesma: *ela deixou de ser o meu conforto e virou um monstro. Chegou ao ponto de eu pensar em me suicidar, então fui para Nova York e nunca mais voltei.*

A vida na África estava começando a ficar difícil e Nina Simone teve que retomar a carreira, então foi para a Suíça, tocando em Montreux. Ainda assim, não tinha dinheiro para sobreviver. Seu ex-marido se desligou totalmente dela, e, posteriormente, ela foi para Paris, onde caiu em desgraça. Ninguém acreditava que ela estava lá e não tinha público. Foi a pior época, mas seus amigos a reencontraram e decidiram ajudá-la com a condição de que faria um tratamento em decorrência do diagnóstico de Depressão Maníaca. Foi quando conseguiu retomar sua carreira e ter uma segunda chance. Ela trabalhou duro e, finalmente, recuperou o reconhecimento destruído pela indústria musical, devido ao período de luta pelos Direitos Civis.

Carvalho (2020) diz que a autoimagem das mulheres é formada a partir de processos relacionados à cultura, produzidos ao longo da história, os quais favorecem um olhar marginalizado delas, normalmente associado à fragilidade, submissão e falta de autonomia. E ao falar da mulher negra, outro ponto precisa ser destacado, a raça e os estereótipos referentes a elas.

Kilomba (2016) afirma que o racismo é um fenômeno violento, que, por muito tempo, não foi visto como um problema social e acadêmico, sendo posto como algo externo e distante de qualquer análise, o que fortalece o silenciamento de indivíduos e mulheres negras na história. O racismo não somente silenciou, como também criou uma relação de sujeito/objeto entre pessoas negras e brancas, tornando o indivíduo negro marginalizado, tanto na esfera social quanto na esfera individual (KILOMBA, 2015).

Nesse sentido, observa-se que o documentário sobre Nina Simone não é apenas um relato biográfico pessoal, e que a história contada no documentário evidencia elementos relacionados à raça e ao gênero.

RELACIONAMENTO ABUSIVO E MULHERES NEGRAS

O relacionamento abusivo é constituído por uma relação em que um dos parceiros sofre violência, seja ela física, patrimonial, psicológica, sexual, dentre outras. Tais violências consistem num aparato de ações consideradas abusivas. Na maior parte das vezes a mulher é a violada e o homem é o protagonista da violência. Tais ações estão ligadas ao domínio e ao poder sobre o outro, gerando sofrimento e perdas para a vítima, tanto no âmbito social quanto no psicológico (D' AGOSTINI *et al*, 2021). As relações abusivas seguem um padrão de humilhação e desmerecimento, passando por diversos estágios, até chegar à agressão física. Embora essa seja a forma mais comentada, todos os estágios corroboram para danos irreversíveis para a mulher.

Anteriormente, as agressões contra mulheres não eram manifestadas, devido a processos culturais instalados ao longo do tempo, bem como a um ideal de repressão e submissão, que mantém crenças de que mulheres devem se silenciar, além da falta de respaldo social diante desse tema.

A partir da aprovação, em 2006, da Lei Maria da Penha, as violências domésticas e familiares ocorridas contra a mulher foram reconhecidas socialmente. Deixou de ser um assunto pautado apenas pelos meios acadêmicos e pelas mulheres que lutaram para que isso acontecesse, para ser reconhecido pela sociedade brasileira. Houve um longo processo, desde 1990 para que houvesse aprovação desta legislação. Esta, ao ter entrado em vigor, apresentou um verdadeiro marco político nas lutas em relação aos direitos das mulheres no âmbito nacional. Esta violência foi reconhecida como um problema de políticas públicas, estabelecendo uma mudança na abordagem jurídica na luta contra a violência baseada em gênero (D' AGOSTINI *et al*, 2021 *apud* PASINATO, 2015).

A aplicação e a vigência dessa lei engajaram e permitiram que diversas mulheres denunciasses seus agressores e buscassem ajuda, mesmo que, de início, ainda houvesse resistência social ao tema. Como dito anteriormente, o relacionamento abusivo é fruto de processos culturais e os mesmos ainda são perpetuados. Para Priore (2001 *apud* D'Agostini, 2021):

Até o século XVII, somente o sexo masculino era reconhecido, a mulher era entendida como um ser inferior e menos desenvolvido, sendo assim, era papel da igreja “castrar” a sexualidade feminina, usando a ideia de que o homem era superior e a ele cabia o exercício da autoridade. A partir do século XIX, a mulher passa a ser reconhecida como o inverso do homem, ou sua forma complementar e iniciam-se as discussões sobre os gêneros (PRIORE, 2001 *apud* D'AGOSTINI, 2021).

As mulheres são ligadas a um papel social de submissão ao homem e à sociedade. São destinadas a cumprir o papel de esposa e de mãe, ideais advindos da Idade média, período em que os casamentos eram arranjados pelos pais e normalmente sem o aval da mulher

(D'AGOSTINI, 2021). Esse tipo de ideologia ainda é muito presente na sociedade e pode colaborar para mulheres se enxergarem como sujeitos passivos nas relações afetivas.

Durante aquele período, havia um forte controle social empregado pela Igreja. As mulheres, de modo algum, poderiam exercer um papel ativo na sociedade. Observa-se também um forte controle sobre a sexualidade feminina e, de forma mais evidente, sobre a sexualidade da mulher branca, a quem era direcionado o papel de esposa e mãe (PRIORE, 2001).

Outro ponto importante é que o conhecimento sobre o corpo feminino era voltado apenas para a reprodução, o que reforçava o ideal de que a importância da mulher se dava apenas para a procriação (PRIORE, 2001).

Também é possível identificar na literatura, na música e na Televisão, obras que disseminam a romantização de tais relações. Exemplo disso é a obra *50 tons de cinza*, que relata a história de Christian Grey e Ana. O enredo destaca o protagonista como desejável e atraente, quando, na verdade, é um sujeito manipulador, abusador, perturbado e que comete alguns atos de perseguição e violência sexual (OLIVEIRA *et al*, 2016 *apud* D'AGOSTINI, 2021).

A romantização deste tipo de relacionamento constrói a perigosa ideia de que tudo que é feito “por amor” é justificável, seja o ciúme exagerado, os acessos de raiva, os constrangimentos, as chantagens emocionais, a violência, o abuso sexual e até mesmo o assassinato (OLIVEIRA *et al*, 2016).

É importante destacar que historicamente a mulher negra sofreu não somente com a dominação de gênero, como também com a escravidão, e, com isso, outro fator precisa ser considerado ao olhar para a mulher negra e sua afetividade. No período colonial, as mulheres negras eram estupradas pelos colonizadores, pois a moralidade da época ditava leis de procedência religiosa que concebiam a mulher branca com um ideal de pureza e castidade, tornando as mulheres negras alvos da violência sexual (OLIVEIRA; SANTOS, 2018).

De acordo com Bell Hooks (2019), no século XIX houve uma mudança na percepção masculina sobre a mulher. As mulheres brancas passaram a ser tratadas como a nobre metade da humanidade. O trabalho delas era elevar a natureza dos homens e trazer à tona os seus mais nobres impulsos. A mulher branca dessa época era descrita como boa e sem pecado, assexuada e não mundana. Isso ocorreu ao mesmo tempo em que acontecia uma exploração sexual em massa em relação às mulheres negras. Enquanto os colonizadores brancos adotavam uma identidade moralista em relação a eles próprios, colocavam sobre os africanos o rótulo de pagãos sexuais e as mulheres negras eram vistas como a personificação da maldade e da luxúria sexual.

Essa mesma autora comenta que a violação não foi o único método utilizado para desumanizar as mulheres negras. Enquanto as mulheres brancas tinha seus corpos cobertos, as mulheres negras eram despidas e chicoteadas publicamente, sem que houvesse manifestação contrária a esses atos. Vale ressaltar, ainda, que essas mulheres tinham a obrigação de procriar, mesmo estando subnutridas e sem condições físicas que lhes permitissem um parto seguro e fácil. As repetidas gravidezes resultavam em abortos e óbitos.

Tudo isso corrobora para que a mulher negra seja classificada como objeto sexual, dentre outros mitos e estigmas. Nessa perspectiva, as concepções históricas e sociais também são disseminadas na afetividade e, conseqüentemente, no relacionamento abusivo. Apesar das relações abusivas manterem um padrão de violação onde não existem exceções, é relevante dizer que a escravidão afetou a concepção do que é belo e digno de Amor, colocando as mulheres negras em um processo de desigualdade, em comparação às mulheres brancas, e produzindo maiores possibilidades de sofrimento, pois a sociedade criou o estigma de inferioridade para a mulher negra (OLIVEIRA; SANTOS, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A inquietação proposta surgiu a partir do momento no qual a autora desta pesquisa, motivada pelas críticas positivas em relação ao documentário sobre a vida da cantora Nina Simone, assistiu à obra produzida para verificar a possibilidade de realizar um estudo sobre ela, pois as críticas diziam que se tratava de uma obra na qual a luta e o ativismo de Simone eram ressaltados. Porém, ao entrar em contato com o documentário, a maneira romantizada como o relacionamento abusivo vivenciado por Nina Simone foi tratada foi o que mais chamou a atenção.

Linhares (2015) comenta que, para falar a respeito do corpo da mulher negra, é necessário pensar sobre o significado que ele produz e quais noções historicamente permeiam esse corpo. Segundo o autor, existem duas questões que conversam entre si quando se fala do corpo da mulher negra: o corpo na perspectiva do trabalho e o corpo na perspectiva do prazer.

Para esse mesmo pesquisador, o lugar do corpo negro e do corpo branco são distintos e bem demarcados. O corpo da mulher negra ocupa o lugar do corpo que é submetido ao controle social, reduzido ao trabalho forçado e disponível para o sexo, que também pode ser forçado numa tentativa de disciplinação.

Voltando para o documentário *What happened, miss Simone?*, através dos relatos da cantora e de outras pessoas que eram próximas à ela, percebe-se que o relacionamento entre Nina e seu marido era abusivo, pois ele não só a obrigava a trabalhar exaustivamente, como a violentava, e havia também situações nas quais foram observados espancamentos mútuos.

Algumas cenas do documentário evidenciam a violência sofrida por Nina. Na primeira cena ela se queixa da rotina excessiva de trabalho e da cobrança do marido, que lhe dizia: *Nina, temos uma carreira, que não vai continuar se você não a nutrir*. Ela se sente magoada com ele e no final da cena diz: *Andrew me protegia de todo mundo, menos dele. Ele me envolvia feito uma cobra. Eu trabalhava que nem cachorro e tinha medo dele. E Andrew me batia. Eu nunca falei sobre isso, mas ele me batia*.

Na cena seguinte, o guitarrista e diretor musical Al Schackman, amigo de Nina, relata um episódio em que às cinco da manhã recebe um telefonema dela em busca de abrigo. Nina conta que estava com Andrew numa discoteca e foi abordada por um fã, que lhe deu um bilhete. Ela o guardou em seu bolso. Pensou que não daria em nada, então Andrew a pegou pelo braço, a tirou de lá e a espancou. Ela narra: *quando eu estava na rua, ele começou a me dar socos, socos que me arrancaram sangue. Ele me bateu até chegar em casa, na escada, no elevador, no quarto, pôs uma arma na minha cabeça e depois me amarrou e me estuprou*.

Schackman conta que ela chegou à sua casa com marcas de violência e ele a colocou na cama, a deixando descansar por dias. Em seguida ela revela: *Ele (seu marido) demorou duas semanas para me encontrar. Os meus olhos?... eu nem conseguia enxergar. Ele perguntou: Quem te bateu assim? Eu respondi: Você. E ele: não, eu estou te procurando há duas semanas. Ele era brutal*.

Em outra cena, sua filha relata que seu pai era cruel e muito rude com sua mãe, que sofria agressões frequentemente. Ela descreve as falas de sua mãe: *Ele já bateu minha cabeça num muro de concreto. Ele deu socos na barriga dela quando estava grávida*.

Em outra cena, o ex-marido de Nina fala sem nenhum receio da agressão cometida por ele, declarando: *estávamos indo para casa de carro, eu dirigindo, bati nela, jorrou sangue da sobrancelha, o meu anel fez um corte de dois centímetros*.

Nina Simone, dentre as muitas violências sofridas, passou por violência doméstica, e o documentário aborda essa situação de maneira branda. Sua filha comenta no documentário: *acho que os dois eram loucos. Ela ficava com ele. Ela adorava brincar com fogo*. Aparentemente, esse relato não foi selecionado para compor o filme de forma ingênua, mas com o propósito de culpabilizar Nina Simone pelo fato de a mesma se encontrar em um

relacionamento abusivo e, além disso, a frase “ela adorava brincar com fogo” pode dar a entender que a cantora provocava seu marido e sofreu espancamentos por conta disso. Esse contexto, apresentado dessa forma, fortalece estereótipos relacionados a mulheres que sofrem com relacionamentos abusivos, ou seja, reforçando o conceito errôneo de que as mulheres gostam de apanhar.

Carneiro (2005) ressalta que o que poderia ser compreendido como histórias de um período colonial permanece vivo no imaginário social e reaparece com novas roupagens, mantendo intactas relações de gênero, cor e raça existentes no período escravista.

Linhares (2015) corrobora essa análise, afirmando que o corpo da mulher negra passa da condição humana para a condição de corpo coisificado. Satisfazendo a perversidade sexual ou sendo desprezadas, mulheres negras eram utilizadas para o serviço forçado.

Nina Simone sentia-se exausta pelas jornadas de trabalho. Pode ser que tenha encontrado na música seu único alento e foi por meio da música também que ela encontrou espaço para falar de suas dores.

O fato da violência sofrida por Nina Simone não ter sido problematizado pode estar relacionado ao mito de que a mulher negra é forte. Góes (2016) menciona que mulheres negras foram submetidas como cobaias a experimentos ginecológicos. James Marion Sims, que era considerado o pai da ginecologia, afirmou que africanos tinham tolerância incomum para a dor. As práticas racistas utilizadas no passado ainda são visíveis na sociedade moderna e perceptíveis no atendimento a mulheres negras.

No roteiro, o envolvimento de Nina Simone na luta pelos Direitos Civis é retratado como algo que fez com que a cantora se tornasse amarga. Em uma das cenas apresentadas, seu ex-marido comenta que *ela ficava louca da vida* e, naquela época, *ele acordava à noite e a observava olhando para ele querendo matá-lo*. Esse comentário é descontextualizado e pode passar a impressão de que Nina Simone apresentava reações violentas de forma gratuita.

Sobre o ativismo de Simone, Andy comenta, em outra cena, que ela queria se aliar aos militantes terroristas radicais que a influenciavam. Ela dizia: *vamos pegar em armas, vamos envenenar a represa*.

Posteriormente, o documentário exhibe a cena de um concerto ao ar livre, no qual Nina Simone comenta: *estão prontos para esmagar coisas brancas? Estão prontos para queimar prédios?* A cena é apresentada mais uma vez de forma descontextualizada. O concerto ocorreu em 1969, no *Harlem Renaissance Festival*, e reuniu artistas negros, sendo que as perguntas de Nina Simone eram referentes a um poema. Porém, o relato do marido, o relato da filha e a falta

de contextualização em relação ao evento e ao poema podem levar o telespectador à compreensão de que ela, de fato, era uma pessoa violenta e perigosa, o que pode desqualificar inclusive sua luta pelos Direitos Civis.

Vale citar que muitas vezes a luta de ativistas tem sido desqualificada. Nesse sentido, Kilomba (2015) se pergunta por que a boca do sujeito negro tem que ser amarrada, por que eles devem ficar calados? A verdade é que, se os negros falarem, os colonizadores serão forçados ao confronto com desconfortáveis verdades que têm sido negadas e reprimidas. E uma das maneiras de calar os outros é desqualificar suas lutas e seus legados.

Outro ponto a ser pensado é apresentado por Linhares (2015) que comenta que, ao pensar sobre a sensualidade e a erotização à qual as mulheres negras foram submetidas pode-se lembrar da construção do estereótipo da mulata, dessa forma, a mulher negra é tida como uma predadora sexual que seduz os homens com seus encantos irresistíveis.

.Andy desistiu de sua carreira para administrar a carreira de Nina Simone. De acordo com o documentário, ele precisava ainda lidar com uma demanda excessiva por sexo apresentada por Simone. Um dos participantes do documentário relata um episódio no qual Nina foi espancada publicamente pelo marido. Após este fato, ela lhe pediu abrigo e, em uma cena posterior, a filha de Nina Simone comenta que ela morreu dizendo que ele foi o melhor empresário que ela teve, apesar da violência.

Aparentemente, o documentário representa Simone como violenta ou louca e não dá subsídios ao telespectador para que ele possa refletir sobre as diversas violências que essa mulher sofreu ao longo da vida.

Em *Memórias da plantação*, Kilomba (2016) comenta sobre a máscara que era utilizada pelos escravizados e que os impedia tanto de comer quanto de falar. A autora reflete sobre o que o sujeito negro poderia dizer e o que o sujeito branco teria que ouvir. Atualmente, não são mais utilizadas essas máscaras, mas existem formas mais sofisticadas de calar e oprimir o sujeito negro, formas não tão fáceis de serem identificadas por quem não se preocupa em realizar uma reflexão sobre o que lhe é apresentado. O documentário em questão foi produzido a partir de documentos pessoais, mas a mensagem de Nina Simone foi apresentada de forma distorcida e descontextualizada.

Na última parte do filme, aborda-se a questão do diagnóstico psiquiátrico dado a Simone, completando o estereótipo da mulher negra raivosa, animalesca e louca. O comportamento do ex-marido em nenhum momento foi problematizado, nem pela filha, nem pelos demais participantes e nem por ele mesmo.

Sobre esse aspecto, Kilomba (2015) relata que muitas vezes as pessoas negras têm que lidar com aquilo que os brancos pensam sobre elas. São fantasias que não representam a negritude, mas o imaginário do branco.

Kilomba (2015) comenta ainda que, no racismo cotidiano ao qual os negros são submetidos e percebidos como os outros, eles podem ser representados pela incivilização, quando se tornam a personificação do outro violento e ameaçador; pela animalização, quando se tornam a personificação do selvagem e do animal; e, também, por meio da erotização, quando se tornam a personificação do sexualizado, com um apetite sexual violento. E isto fica evidente em relação à história de Nina Simone, retratada por meio do documentário em questão.

Ainda com relação à questão do diagnóstico referente à saúde mental de Nina Simone, vale citar a pesquisa de Menegat, Duarte e Ferreira (2020), que resgataram a história do maior manicômio brasileiro e verificaram que as pessoas mais violadas eram negras. Cerca de 80 por cento da população interna do manicômio era negra e estes eram forçados ao trabalho. Eram forçados a confeccionar roupas e a trabalhar na horta por ordem da gestão do manicômio de Barbacena com a conivência da prefeitura local.

Fatos como o ocorrido em Barbacena podem conduzir a uma associação entre raça e loucura, que vai ao encontro da compreensão de que é necessário manter controle social sobre o corpo negro. Fanon (2020) alegava, em sua obra, que a doença mental não advinha somente de aspectos neurológicos e que o desenvolvimento destes transtornos só ocorrem a partir de um ambiente socialmente determinado. Além disso, do ponto de vista desse autor, a psicopatologia é um modo de atribuir a uma raça um status de controle social, tecendo críticas à psicopatologia.

Por fim, o filme não permite a reflexão sobre o que aconteceu com Nina Simone, muito menos sobre o que acontece todos os dias com mulheres negras que sofrem violências diversas e, dentre essas, a violência doméstica. Aparentemente, o objetivo do documentário era enaltecer e dar voz a Nina Simone, mas, na verdade, a obra só corrobora para a coisificação da mulher negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a obra em questão permitiu identificar e evidenciar os estereótipos que mulheres negras vivenciam cotidianamente. Ao assistir ao documentário, muitas inquietações surgiram, pois foi perceptível que a imagem dessa grande artista estava sendo exposta a partir de estigmas de inferiorização e loucura. O excelente trabalho de Nina foi contraposto com as terríveis

vivências e violências que a levaram ao adoecimento. O documentário reduz a sua obra ao dar visibilidade a estereótipos que desqualificam sua luta. Infelizmente, as muitas violências sofridas por Nina Simone, inclusive o relacionamento abusivo, não foram problematizadas, o que não auxilia na compreensão do sofrimento vivenciado por diversas mulheres negras em seu cotidiano.

O título do documentário questiona: “o que aconteceu Nina Simone?” Contudo, poderia ser mais apropriado questionar o que aconteceu para que o relacionamento abusivo e as violências sofridas por essa mulher negra não fossem problematizados, bem como o que acontece para que essa história se repita muitas vezes cotidianamente com diversas mulheres negras, sem que seja dada a devida atenção a essas situações. O que acontece para que a sociedade não proteja e silencie o sofrimento das mulheres negras?

Este estudo teve por objetivo geral compreender se o documentário deu voz à história da cantora por ela mesma, e como objetivos específicos: (a) compreender como o relacionamento abusivo entre Nina e o ex-marido foi abordado no documentário, (b) compreender como estereótipos utilizados para silenciar e desqualificar as mulheres negras foram abordados no documentário. Acredita-se que esses objetivos foram alcançados, e sugere-se a realização de outras pesquisas que possam corroborar ou não os achados nesta pesquisa.

Este estudo também tinha por intenção proporcionar aos leitores e espectadores uma visão analítica do documentário, bem como incentivar novos estudos que apresentem a influência de estereótipos sociais na produção de obras fílmicas.

REFERÊNCIAS

BELL HOOKS. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

CARLOS GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

CARNEIRO, S. **Enegrecer o feminismo, a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em: 08 /01 / 2022

DE CARVALHO, Verônica Alves. **Feminilidade, aparência corporal e mídia: diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais**. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14698> Acesso em: 14/ 01/ 2022.

D'AGOSTINI, Marina *et al.* Representações sociais sobre relacionamentos abusivos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 20701- 20721, Fev. 2021.

FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade: escritos psiquiátricos**. 1 ed. São Paulo: UBU Editora, 2020.

GARBUS, L KELLY, L. **What Happened Miss Simone?** (2015). Direção: Liz Garbus. Netflix (102 min.).

GOES, E. **Racismo científico definindo humanidade de negras e negros**. 2016. In Academia Accelerating the world's research. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56406803/Racismo_cientifico__definindo_humanidade_de_negras_e_negros-with-cover-page2.pdf?Expires=q~BgYkt7ObWIqfYg__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 08 /01 / 2022

LINHARES, K. **O corpo da mulher negra: a dualidade entre o prazer e o trabalho**, 2015. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/623.pdf>. Acesso em: 07/02/2022.

MENEGAT, M. E., DUARTE, O. J. M, FERREIRA, F. V. Os novos manicômios a céu aberto. Cidade, racismo e loucura. **Revista da faculdade de serviço social da faculdade do Rio de Janeiro**. 2020, N 45. V. 18. P 100-115. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/47217>. Acesso em: 08 /01 / 2022.

KILOMBA. G. Memórias da plantação. Episódios do racismo cotidiano. **Cobogó**. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf. Acesso em: 08 /01 / 2022

PRIORE, M. (Org.). (2001). **História das mulheres no Brasil**. 5ª ed. São Paulo.

OLIVEIRA, F. M. A.; ÁVILA, F. J. P.; BASTOS, N. M. C.; VASCONCELOS, V. L. **Romantização do Relacionamento Abusivo, Uma Violência Silenciosa: A Ineficácia da Lei Maria da Penha**. Disponível em: https://flucianofejiao.com.br/novo/wpcontent/uploads/2019/03/ROMANTIZACAO_DO_RELACIONAMENTO_ABUSIVO_UMA_VIOLENCIA_SILENCIOSA_A_INEFICACIA_DA_LEI_MARIA_DA_PENHA.pdf. Acesso em: 15 de Jan. 2022.

OLIVEIRA, Ilzver de Matos; SANTOS, Nayara Cristina Santana. Solidão tem cor? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 7, n. 2, p. 9-20, 20 Out. 2018.

SILVA, S. et al. Análise da violência doméstica na saúde das mulheres. **Revista Brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**. São Paulo, v. 25, n. 2, 2015.